

DR. JOSÉ CANDIDO DA COSTA SENA

(Noticia biographica e literaria)

Figura com justiça na galeria dos homens illustres de Minas, esse cujo nome encima estas linhas. Sorriu-lhe em vida por vezes a gloria; esquivo, porém, ás suas seducções, só della se deixou vencer, quando fechou para sempre os olhos. Esta esquivança era uma das originalidades deste originalissimo espirito, tão susceptível de enthusiasmo e de paixão pelas maravilhas da natureza, como indifferente, quasi adverso aos ouropéis do elogio literario da moda. Pouco deu que falar de si, como homem de letras; mas esse pouco valeu tudo, pela auctoridade de quem falou. Pensador e scientista, a profissão de medico absorveu-lhe a actividade, privando-nos talvez de paginas de alta especulação e de fecundas doutrinas. O pequeno lazer da clinica foi-lhe por vezes arrebatado para a politica.

Veremos adiante que, apesar de tudo, o genio irrompia-lhe de improvisos em explosões brilhantes da vida mesquinha e chã. Destas lavas restam numerosos blocos, em que a posteridade pôde admirar a força e o calor que as produziram.

Nasceu o Dr. José Candido da Costa Sena na cidade mineira da Conceição do Serro em 23 de agosto de 1847. Talento de raça, cedo amanheceu nelle a aptidão para as letras. Em Marianna e depois no Caraça preparou-se solidamente no estudo de humanidades, e das suas habilitações deu brilhantes provas no Rio de Janeiro, onde prestou exames, coroados de distincções.

Matriculado na Escola de Medicina, todo o seu curso foi uma serie de victorias, terminada pela notavel defesa que perante a Con-

gregação sustentou da these sobre *Casamentos consanguíneos em relação á hygiene*, approvada com distincção. Foi nesse anno, de 1875, o orador na solemnidade da collação do gráu, e ao seu lado, como collegas, assistiam homens como Teixeira e Souza, Nuno de Andrade, Cypriano de Freitas, Silviano Brandão e Cornelio de Magalhães.

Não foi somente nas aulas, no amphitheatro anatomico e nos hospitales, que revelou o joven estudante a sua penetrante intelligencia. Attrahido tambem para os estudos dos problemas sociaes e politicos, expandiu-se o seu espirito democratico em bellos trabalhos publicados pelo *Radical Academico*, cujo titulo suggestivo valia no tempo um programma de combate: — e Costa Sena o desempenhou com bravura e brilho.

Ao lado das aptidões do jornalista, surgiam as do homem de letras, e por essa mesma occasião o poeta produzia o *Eternum Carmen*, *A proposito*, *Tentação*, *Recordação*, e, entre muitas outras poesias, esse poema austero e sublime — *Natura Mater*, que revela um grande pensador e ao mesmo tempo uma sensibilidade de verdadeiro artista, poema repassado desse espirito profundamente pantheista, que singularizou Goethe entre os cantores germanicos.

Oxalá encontrasse o moço medico no inicio de sua carreira um apoio que o conservasse no grande centro, onde mais brilhariá o seu espirito.

A clinica da roça, porém, o attrahia; mais que a clinica, a saudade dos seus, o desejo de continuar, homem, esse viver doce e simples que embalou a sua infancia, e, porventura, um pouco o impulso do seu coração para levar com a riqueza dos seus conhecimentos medicos, a saúde e o conforto ás dores e soffrimentos dos seus conterraneos, em cada um dos quaes via um amigo. E que medico e que amigo! Ao partir para as sessões da Assembléa Provincial, que elle illuminou em diversas legislaturas, experimentava os maiores constrangimentos por ter de deixar os seus queridos doentes, para muitos dos quaes abria credito na pharmacia.

Durante essa ausencia, consolava-se na roda de seus amigos de Ouro Preto, onde era muito querido e festejado. A sua conversação era admiravelmente curiosa e interessante; as phrases finamente ironicas revelavam frequentemente conceitos surprehendedentes, e á graça natural do seu gesto, unida á expressão, por vezes comicã, do seu rosto quasi imberbe, ninguem resistia, que não lhe ficasse preso por sympathy.

Nessas palestras era assiduo Bernardo Guimarães, então commissionedo pelo governo, em virtude de uma lei da Assembléa, para escrever a historia da Provincia de Minas. Aventou-se uma vez augmentar por lei o ordenado, e a idéa não desagradou ao chronista.

A este proposito, José da Costa Sena, da sua carteira de deputado, improvisou a lapis estas quadras, que logo correram de mão em mão:

Não mintamos; o bardo ouro-pretano,
Em lugar de escrever a patria historia,
Cantos da solidão, os doces cantos!
Dolorosos revive na memoria.

Em vez de refazer os alfarrabios
Da nossa terra nas vetustas eras,
Elle canta-lhe as glorias, as montanhas,
Florestas, céu azul e primaveras.

Entretanto, ainda é pouco o que lhe damos!
O poeta vale mais do que o chronista;
Demos aos lobos menos carne e sangue,
E ao mimoso canario mais alpista.

E o futuro dirá: Cantor glorioso,
Si não foste a Camões no genio equal,
Fôras tanto como elle desditoso,
— Não fosse Minas mais que Portugal.

Não tardou o *papagaio* a chegar ás mãos de Bernardo Guimarães, então em palestra nos corredores, o qual, tomando de um lapis, rapidamente o fez correr em uma tira de papel, que multiplicou pelas bancadas da assembléa estes versos:

Quando o velho canario solta o canto,
Escuta-o complacente o gaturamo,
Pousado no seu ramo,
E com a sua voz cheia de encanto,
Assim responde: Canta, ó velho bardo,
Canta outra vez, Bernardo.
E o velho canario outra vez trina
Com debil voz, porém, não desafina,
E assim responde: Não, meu gaturamo,
Melodiosa ave,
Que gorgeias com voz pura e suave,
Pousada no teu ramo.
Não posso mais cantar, eu já não tardo
A despejar da vida o inutil fardo,
E tu, meu caro Sena,
Não deixes, não, a gloriosa arena;
Sim! Canta, joven bardo.
Eis, porém, que apparece o bom Leonardo,
E pergunta com voz de trovoadas:
Que tem este Bernardo,
Que o vejo assim com cara acalcanhada?

gregação sustentou da these sobre *Casamentos consanguíneos em relação á hygiene*, approvada com distincção. Foi nesse anno, de 1875, o orador na solemnidade da collação do gráu, e ao seu lado, como collegas, assistiam homens como Teixeira e Souza, Nuno de Andrade, Cypriano de Freitas, Silviano Brandão e Cornelio de Magalhães.

Não foi sómente nas aulas, no amphitheatro anatomico e nos hospitaes, que revelou o joven estudante a sua penetrante intelligencia. Atrahido tambem para os estudos dos problemas sociaes e politicos, expandiu-se o seu espirito democratico em bellos trabalhos publicados pelo *Radical Academico*, cujo titulo suggestivo valia no tempo um programma de combate: — e Costa Sena o desompenhou com bravura e brilho.

Ao lado das aptidões do jornalista, surgiam as do homem de letras, e por essa mesma occasião o poeta produzia o *Mermm Carmen*, *A proposito*, *Tentação*, *Recordação*, e, entre muitas outras poesias, esse poema austero e sublime — *Natura Mater*, que revela um grande pensador e ao mesmo tempo uma sensibilidade de verdadeiro artista, poema repassado desse espirito profundamente pantheista, que singularizou Goethe entre os cantores germanicos.

Oxalá encontrasse o moço medico no inicio de sua carreira um apolo que o conservasse no grande centro, cnde mais brilharia o seu espirito.

A clinica da roça, porém, o atrahia; mais que a clinica, a saudade dos seus, o desejo de continuar, homem, esse viver doce e simples que embalou a sua infancia, e, porventura, um pouco o impulso do seu coração para levar com a riqueza dos seus conhecimentos medicos, a saúde e o conforto ás dores e soffrimentos dos seus conterraneos, em cada um dos quaes via um amigo. E que medico e que amigo! Ao partir para as sessões da Assembléa Provincial, que elle illuminou em diversas legislaturas, experimentava os maiores constrangimentos por ter de deixar os seus queridos doentes, para muitos dos quaes abria credito na pharmacia.

Durante essa ausencia, consolava-se na roda de seus amigos de Ouro Preto, onde era muito querido e festejado. A sua conversação era admiravelmente curiosa e interessante; as phrases finamente ironicas revelavam frequentemente conceitos surprehendedentes, e á graça natural do seu gesto, unida á expressão, por vezes comicã, do seu rosto quasi imberbe, ninguém resistia, que não lhe ficasse preso por sympathia.

Nessas palestras era assiduo Bernardo Guimarães, então commissionedo pelo governo, em virtude de uma lei da Assembléa, para escrever a historia da Provincia de Minas. Aventou se uma vez augmentar por lei o ordenado, e a idéa não desagradou ao chronista.

A este proposito, José da Costa Sena, da sua carteira de deputado, improvisou a lapis estas quadras, que logo correram de mão em mão:

Não mintamos; o bardo ouro-pretano,
Em lugar de escrever a patria historia,
Cantos da solidão, os doces cantos!
Dolorosos revive na memoria.

Em vez de refazer os alfarrabios
Da nossa terra nas vetustias eras,
Elle canta-lhe as glorias, as montanhas,
Florestas, céu azul e primaveras.

Entretanto, ainda é pouco o que lhe damos!
O poeta vale mais do que o chronista;
Demos aos lobos menos carne e sangue,
E ao mimoso canario mais alpista.

E o futuro dirá: Cantor glorioso,
Si não foste a Camões no genio igual,
Fôras tanto como elle deslitoso,
— Não fosse Minas mais que Portugal.

Não tardou o *papagaio* a chegar ás mãos de Bernardo Guimarães, então em palestra nos corredores, o qual, tomando de um lapis, rapidamente o fez correr em uma tira de papel, que multiplicou pelas bancadas da assembléa estes versos:

Quando o velho canario solta o canto,
Escuta-o complacente o gaturamo,
Pousado no seu ramo,
E com a sua voz cheia de encanto,
Assim responde: Canta, ó velho bardo,
Canta outra vez, Bernardo.
E o velho canario outra vez trina
Com debil voz, porém, não desafina,
E assim responde: Não, meu gaturamo,
Melodiosa ave,
Que gorgeias com voz pura e suave,
Pousada no teu ramo.
Não posso mais cantar, eu já não tarde
A despejar da vida o inutil fardo,
E tu, meu caro Sena,
Não deixes, não, a gloriosa arena:
Sim! Canta, joven bardo.
Eis, porém, que apparece o bom Leonardo,
E pergunta com voz de trovoada:
Que tem este Bernardo,
Que o vejo assim com cara acalcanhada?



E lhe responde o Sena
Com sua voz serena :
Soffre do coração
E talvez á molestia não resista.
Tambem por desventura
Soffre de quebradura.

— O' céus ! responde affeito o Leonardo,
Não deixemos morrer o velho bardo ;
E para que elle por mais tempo exista,
E' preciso lhe dar alguma alpista.

O Dr. José Costa Sena exerceu, além de diversos cargos electivos, algumas commissões administrativas, de que se desempenhou com gloria para si e proveito para sua terra.

Proclamada a Republica, foi elle um dos trinta e sete deputados mineiros enviados á Constituinte, onde com orientação firme e intelligente criterio deu o seu voto nas questões mais importantes da nova organização politica. Ledor assiduo de tudo quanto geralmente se tem escripto em direito publico, estava preparado o seu espirito para qualquer debate, e esse preparo era solidamente auxiliado pelos grandes conhecimentos que elle tinha de anthropologia e de todas as sciencias auxillares da moderna sociologia, que si não é uma sciencia integral e acabada, representa, ao menos, um grande impulso de generalisação do espirito humano.

O Dr. José da Costa Sena cultivava a biologia com dedicação de um fanatico : attrahiam-no os phenomenos da vida, e a impaciencia de saber-lhe as origens creou-lhe um espirito philosophico sombreado de scepticismo. Como a Claude Bernard, nem a intervenção ou assistencia da morphologia, bastava-lhe como explicação para a synthese vital, e a metaphysica inevitavelmente o empolgou nas diligencias especulativas em busca das causas efficientes e das causas finais.

D'ahi as luctas em sua alma, de que são bellos e dolorosos documentos as poesias philosophicas que deixou, luctas donde sahiu, como um apello supremo, a *Natura Mater*, sublime desafogo de um cerebro que precisa de um Deus, não immaterial e simples, mas complexo em seu infinito physico.

Não podia deixar de ser completo o naufragio da crença. A materia negou-lhe as soluções que a sua razão tambem não podia dar. Por outro lado, a organização humana e social desgostou o, por não ser modelada á feição do seu antigo ideal. Os preconceitos o magoaram, e de desengano em desengano, chegou a gemer este terrivel lamento :

VICTUS

Entrei a combater com armas mal polidas ;
Manejel-as sem fé, porém, com lealdade :
Fundos golpes vibrei sem dó, mas sem maldade,
E muita vez sangrei por horridas feridas.

Da gloria no apogeu, do genio e da bondade
Embotaram-me a cota as pontas mais huidas ;
O montante quebrei nas crostas denegridas
Da torpeza no arnez, no elmo da crueldade.

Agora, mal ferido, eis-me no chão prostrado,
Vendo em torno voar na mais sinistra calma
Das aves do infortunio o bando esfomeado.

Mas, tenho aberta a mão: quero morrer vingado,
Como aquelle guerreiro outr'ora achado em Alma,
Tendo na mão já fria um cõrvo ensanguentado !

Este soneto tem a data de 15 de Janeiro de 1900 : o poeta morreu a 23 de Junho do anno seguinte ; seria o ultimo que escreveu ? Ou em algum outro, inedito como esse, derramaria depois lagrimas de arrependimento por essa rebeldia tragica, reconciliando-se, junto ás cinzas quasi ainda quentes de sua affectuosissima e piedosa Mãe, com a crença que bebera no leite de criação ?

Escrevera outr'ora este

EPITAPHIO

Não pareis p'ra rezar, ó caminheiros,
Passae longe, fugi :
Vós pisaes um canteiro atapetado
De plantas venenosas e de espinhos,
Si a metade, siquer, houver brotado
Das sementes fataes, que hão semeado
No doído coração que jaz aqui...

Ao menos nesta parte, parecem modificados os designios do poeta, sobre cuja louza abre carinhosamente os braços uma cruz, cujo sub pedaneo certamente descansa no seu outr'ora atormentado coração.

Os versos de José da Costa Sena são espontaneos e geralmente correctos.

Fazia-os quasi ao correr da penna, não se detendo em procurar rimas exquisitas e variadas. A não ser em sonetos, era raro usar de mais de duas rimas na mesma estrophe. Escrevia, porém, versos soltos de uma belleza esculptural, e a sua inspiração, sentindo-se á vontade nelles, alava-se com vãos epicos, produzindo no espirito do leitor verdadeiros transportes.

Como documento deste juizo e fecho desta ligeira e pallida noticia, vae transcripto em seguida o bellissimo poema :

NATURA MATER

(Recitado numa solemnidade academica)

I

Quantas vezes eu vou sosinho e triste,
A' tarde, pela encosta, med'tando
Um poema sombrio, um casto amargo,
Uma estrophe, siquer, bem repassada
Da magua funda, que ninguém suspeita,
E que a musa revêl nunca exprimiu!

.....

Quantas vezes no dorso da montanha,
Sob a cupula de um céu pesado e negro,
Eu procuro arrojar ao vento irado,
Que me fustiga as faces suarentas,
A procella em minha alma condensada!

.....

Oh! Quantas vezes, quantas, sempre em balde!
Apenas de descrença algumas notas
Arranco á minha lyra contrafeita,
Um secreto terror de mim se apossa...
Mais que a magoa no peito recalçada,
Pungo em minha alma a inspiração blasfema!
Parece que ao meu hombro reclinada,
Suffocada em soluços minha musa,
Lastima que eu lhe vá, com mãos profanas,
A grega cabelleira desgrenhando,
E de fel salpicar-lhe as brancas vestes...
E lucto... mas de balde! O estro foge...
E em meus labios o canto esfria e morre!...

II

Depois... nem eu sei como: pouco e pouco,
Pende-me a fronte sob um peso estranho,
Mixto de magoa e do prazer mais puro,
As idéas sombrias se transformam
Num vago de esperança e de saudade...
Em extase divino arrebatado,
Olho em roda de mim — é tudo novo:
Um mundo luminoso sempre occulto
Aos olhos do vulgar, se abre a meus olhos!
Eu sinto latejar a grande arteria
Da vida universal, e apalpo o laço
Que junta com meu ser os seres todos,
Por um vasto, ineffavel dynamismo,
Num só corpo infinito confundidos!

III

Então, a lyra rude, mas sincera,
Destaz-se em espontaneas harmonias:
Endeixas nunca ouvidas me borbulham
Em tumulto do peito acceso em febre.

IV

Natureza infinita, mãe fecunda,
Rainha e soberana, — que meu canto
Possa unir-se tambem á immensa orchestra,
Que mantens incessante no universo!
Sou teu filho tambem, tambem meus labios
Em teu seio eternal a vida sugam.
Em meu craneo tambem uma scintella
De tua luz insondavel resplandece!
Não me esentas, bem sei, não te commoves
Morte e vida, prazer e desventura
Nada são a teus olhos; tu só queres
Ostentar tua essencia immorredoura
Na série interminavel de existencias
Dos seres, que avientas carinhosa,
E anniquilas depois indifferente,
P'ra envolvel-os depois em novas formas,
Incansavel artista omnipotente!
Não me esentas, bem sei: mas ah! não posso
Reter o canto ardente, que espontaneo
Me rebenta do peito acceso em febre!

V

Natureza infinita, mãe dos seres!
 Quem pôde sem assombro contemplar-te
 Sempre a mesma imutável, magestosa,
 Nos soes do firmamento, e além ainda,
 Ou no átomo subtil que não se apalpa!
 Eras a mesma, que eu contemplo agora,
 Na infancia da terra: então soberba
 Te miravas nos fétos gigantescoos,
 Nos medonhos lagartos do oceano,
 Nas aves — monstros, no Mammouth colosso,
 — Como hoje na escultura deslumbrante
 Da filha da Circassia, na plumagem
 Dos furta-côres passaros da Australia,
 E nas plantas mimosas do Oriente!

VI

Que cabeça mortal te abrangeria
 Para ler em tua essencia, que se espraia
 Pelo espaço sem termos, insondavel!
 Vê-se a tua belleza sempiterna
 No arrebol da manhã, na flôr do campo,
 Nas faces pudibundas da donzella:
 No mesquinho infusorio, Da borrasca
 Nos sombrios bulhões, lê-se o teu nome
 De fogo em caprichosos hierogliphos.
 Presente-se tua força quando abalas
 Da terra os alicerces, quando arrojás
 Para longe da praia os oceanos,
 E do cimo fundido das montanhas,
 Choves em lavas mineraes candentes
 E rochas a teu sopro derretidas.

.....
 Oh! quem pode pensar, sem ter vertigens
 Que do mesmo crysol em que se funde
 O granito, a platina, o oiro, o quartzo
 E o rebelde carbono crystallisa,
 Surge tambem das flores leve pollen
 E a aza multicolor da borboleta!
 Que fazes rebentar fontes de vida
 Dos peitos da mulher, e a morte escondes
 No leite, que as euphorbias alimenta.

VII

Vida e Morte — palavras sem sentido,
 Que em teu seio sombrio se confundem,
 Vãs palavras com que a fraqueza humana
 Reveste a evolução fatal e cega,
 Da materia Protheu num circ'lo eterno
 Por teu braço potente conduzida!
 O alento que infundes no ser vivo
 As molas do organismo cedo estraga,
 E se funde de novo em tua essencia,
 Enquanto que o cadaver, o envolvente
 Do teu sopro vital, vai de mansinho
 Perfume rescender nas açucenas,
 Volitar nos insectos sobre o lago,
 Do chimico nos tubos inflamar-se.
 Do fresco prado, na macia alfombra,
 A ovelha devora sem receio
 O tigre mosqueado — relva agora.
 Das carnes do açor se gera a pomba
 E o cerebro soberbo do monarcha
 Faz-se em ossos de rude proletario....
 Tua força eternal não se aniquilla,
 E a materia protheu nunca se gasta.

VIII

Oh! quem não sente entumecer-lhe o peito
 Uma força gigante, e o pensamento
 Affogar-se num goso indefinivel,
 Quando em fundo scismar se considera
 Parte integrante de infinito corpo,
 Nota suave de um concerto eterno,
 E na cadêa universal dos seres
 Um òlo indispensavel! Quando pensa
 Que são raios do sol que se transformam
 No horrido convulsar dos oceanos,
 No curso da voraz locomotiva,
 Nos suspiros da brisa, e nos latejos
 Do musculo, que pulsa noite e dia
 Sem descanso em seu peito! Quando pensa
 Que são as selvas dos confins da terra
 Que lhe enviam o gaz propicio á vida
 Em troca do que o sangue lhe ennegrece.

IX

Na sublime visão desta unidade
 Dos seres todos em teu seio augusto,
 O' Natureza, a que reduz-se a magua,
 A fatal contingencia do individuo,
 E a miseria terrena e pequenina f...

X

Não me esentas, bem sei, não te commoves,
 Morte e vida, prazer e desventura.
 Nada são a teus olhos. Tu só queres
 Ostentar a essencia immorredoura
 Na escala interminavel da existencia.
 Tu sorris para os seres que rebentam
 Seivosos de teu seio e para as raças
 Que perecem na lucta para a vida.
 Não me esentas, bem sei, mas ah! não posso
 Reter o canto ardente, que espontaneo
 Me rebenta do peito acceso em febre.
 Quando tuas grandezas contemplando,
 Me extasio a esquecer-me de mim mesmo,
 Natureza infinita, mãe dos seres.

Festas no Tijuco

EM 1815 (*)

(Extr. do *Investigador Portuguez* — N. XVI : dezembro de 1816 : pags. 143 — 151).

Aos illustres e dignos socios do *Gremio Joaquim Felicio*.

Acabo de ler no *Investigador Portuguez*, publicação mensal, feita em Londres nos primeiros annos do seculo ha pouco findo, a descripção de uma interessante festa havida em nossa terra, que demonstra o gráo de adeantamento e o enthusiasmo patriotico de nossos avós, naquella epocha, já relativamente remota.

Não desagradará, com certeza, a meus jovens conterraneos, que se reuniram nesse gremio para, juntos, fazerem o estudo de nossa Historia, a leitura desse curioso documento de costumes de um tempo hoje lembrado com orgulho por todos os filhos desse bellissimo torrão mineiro.

Por isso, tomo a liberdade de enviar ao « GREMIO JOAQUIM FELICIO » uma copia da alludida publicação.

A festa havida no Tijuco, a 21 de outubro de 1815, teve por fim commemorar a chegada das primeiras barras de ferro, fundido na Fabrica do Morro do Gaspar Soares. Essa Fabrica foi fundada pelo desembargador Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá, então Intendente dos diamantes, e, incontestavelmente, o nosso mais illustre conterraneo que figurou no norte de Minas, em tempos colonias.

Como sabem todos os que conhecem a historia de nossa terra, Camara governou o Districto Diamantino durante cerca de 15 annos,

(*) Reproduzimos, com a devida venia, este interessante e curioso trabalho ha pouco publicado no *Itabé*, brilhante periodico de Diamantina.